

ISABEL ALLENDE

A SOMA DOS DIAS

Tradução de Isabel Predome



A MUSA CAPRICHOSA DO AMANHECER

Não falta drama à minha vida, tenho verdadeiras histórias de circo para contar, mas seja como for o dia 7 de janeiro encontra-me ansiosa. Esta noite não consegui dormir. Fomos assolados pela tempestade. O vento rugia entre os carvalhos e golpeava as janelas da casa, no culminar do dilúvio bíblico das últimas semanas. Houve inundações em alguns bairros do condado. Os bombeiros não conseguiram dar resposta a tão colossal desastre e os vizinhos vieram para a rua, com água até à cintura, na tentativa de salvarem alguma coisa da investida da corrente. Nas avenidas principais navegavam móveis e sobre os tejadilhos de alguns carros parcialmente submersos viam-se cães transtornados à espera que aparecessem os donos, enquanto os repórteres captavam dos helicópteros as cenas deste inverno da Califórnia, que mais parecia um furacão do Louisiana. Em alguns bairros os carros não puderam circular durante vários dias, e quando por fim parou de chover e se percebeu a magnitude dos estragos, mandaram vir autênticos bandos de imigrantes da América Latina, que iniciaram a tarefa de extrair a água com bombas e de remover os escombros à mão. A nossa casa, alcandorada numa colina, é açoiçada de frente pelo vento, que dobra as palmeiras e por vezes arranca pela raiz as árvores mais orgulhosas, aquelas que não dobram a cerviz, mas fica a salvo das inundações. Às vezes, no

auge dos vendavais, levantam-se ondas caprichosas que cobrem o nosso único caminho de acesso. Nessas alturas, aprisionados, observamos de cima o espetáculo invulgar da baía enfurecida.

Gosto do recolhimento obrigatório que impõe o inverno. Vivo no condado de Marin, a norte de São Francisco, a vinte minutos da ponte do Golden Gate, entre cerros dourados no verão e esmeralda no inverno, na costa norte da imensa baía. Num dia claro conseguimos ver ao longe as outras pontes, o perfil difuso dos portos de Oakland e de São Francisco, os pesados cargueiros, centenas de veleiros e as gaivotas, como panos brancos. Em maio aparecem alguns valentes, pendurados em cometas multicolores, que deslizam velozes sobre a água, perturbando a quietude dos avôs asiáticos que passam as tardes a pescar nas rochas. Do oceano Pacífico não se vê o estreito acesso à baía, que amanhece envolto em bruma, e por isso os marinheiros de outros tempos passavam ao largo, sem imaginar o esplendor oculto um pouco mais adentro. Atualmente essa entrada é coroada pela esbelta ponte do Golden Gate, com as suas soberbas torres vermelhas. Água, céus, montes e bosques: é esta a minha paisagem.

Não foi a ventania do fim do mundo nem a metralha do granizo nas telhas que me manteve acordada toda a noite, mas a ansiedade do amanhecer inevitável do dia 8 de janeiro. Há vinte e cinco anos que é sempre nesta data que começo a escrever, mais por superstição que por disciplina. Receio que, se começar noutro dia, o livro venha a ser um fracasso, e que se passar um dia 8 de janeiro sem escrever não venha a conseguir fazê-lo o resto do ano. Janeiro chega ao fim de alguns meses sem escrever e em que vivi voltada para fora, no bulício do mundo, em viagem, a promover livros, a dar conferências, rodeada de gente, a falar de mais. Ruído e mais ruído.

Mais que tudo o resto, receio ter ensurdecido, não ser capaz de ouvir o silêncio. Sem silêncio estou perdida. Levantei-me várias vezes, andei às voltas pela casa, embrulhada no velho colete de caxemira do Willie, que tenho usado tanto que é como uma segunda pele, com uma chávina de chocolate quente atrás de outra nas mãos, a dar voltas e mais voltas na cabeça ao que escreveria dentro de algumas horas, até que o frio me obrigava a voltar para a cama, onde o Willie, abençoado seja, ressonava. Encostada ao seu ombro nu, escondia os pés gelados entre as suas pernas, compridas e firmes, aspirando o seu surpreendente cheiro a homem jovem, que não mudou com os anos que passaram. Nunca acorda quando me encosto a ele; só quando me afasto. Está acostumado ao meu corpo, às minhas insónias e aos meus pesadelos. Por muito que passeie de noite, também nunca acordo a *Olivia*, que dorme num banco aos pés da cama. Não há nada capaz de perturbar o sono desta cadela tonta, nem os roedores que de vez em quando saem dos seus esconderijos, nem o cheiro dos *zorrilhos* quando fazem amor, nem as almas que sussurram na escuridão. Se um louco armado com uma machada nos assaltasse, seria a última a aperceber-se disso. Quando chegou era um pobre animal recolhido numa lixeira pela Sociedade Humanitária, com uma pata e várias costelas partidas. Passou um mês escondida num armário entre os meus sapatos, a tiritar, mas pouco a pouco restabeleceu-se dos maus tratos que sofrera e lá apareceu, de orelhas baixas e rabo entre as pernas. Foi nessa altura que percebemos que não servia de cão de guarda: tem o sono pesado de mais.

Por fim a fúria da tormenta amainou, e com a primeira luz da manhã a entrar pela janela tomei um duche e vesti-me, enquanto o Willie, envolto nas suas vestes de xequetresnoitado, se encaminhava para a cozinha. O cheiro do café acabado de moer chegou-me como uma carícia: aromaterapia. Estas rotinas

diárias unem mais que a desordem da paixão; quando estamos separados, esta dança discreta é o que mais falta nos faz. Precisamos de sentir a presença do outro neste espaço intangível que nos pertence apenas a nós. Um amanhecer frio, o café e as torradas, tempo para escrever, uma cadela que abana o rabo e o meu amante; a vida não podia ser melhor. Depois o Willie deu-me um abraço de despedida porque eu partia para uma longa viagem. «Boa sorte», sussurrou, como todos os anos neste dia, e eu saí, com casaco e chapéu de chuva, desci seis degraus, passei ao lado da piscina, percorri dezassete metros de jardim e cheguei à casita onde escrevo, o meu tugúrio. E aqui estou.

Mal tinha acabado de acender uma vela, a minha iluminação quando escrevo, ligou-me Carmen Balcells, a minha agente, de Santa Fe, a aldeola de cabras loucas, perto de Barcelona, onde nasceu. Ali pretende passar os seus anos da maturidade em paz, mas, como tem energia para dar e vender, está a comprar a aldeia casa a casa.

— Lê-me a primeira frase — exigiu, mãe bondosa, de coração indulgente.

Expliquei-lhe uma vez mais a diferença de nove horas entre Espanha e a Califórnia. Por enquanto não havia primeira frase.

— Escreve umas memórias, Isabel.

— Já as escrevi. Não te lembras?

— Isso já foi há treze anos.

— A minha família não gosta de se ver exposta, Carmen.

— Não te preocupes com isso. Manda-me uma carta de umas duzentas ou trezentas páginas, que eu encarrego-me do resto. Se for preciso escolher entre contar uma história e ofender os parentes, qualquer escritor profissional escolhe a história.

— Tens a certeza?

— Absoluta.

PARTE I

AS ÁGUAS MAIS TURVAS

Na segunda semana de dezembro de 1992, mal passou a chuva, fomos em família espalhar as tuas cinzas, Paula, em cumprimento das instruções que deixaste numa carta, escrita muito antes de teres adoecido. Assim que os avisámos do que acontecera, o teu marido, Ernesto, veio de Nova Jérсия e o teu pai do Chile. Conseguiram chegar a tempo de se despedir de ti, que repousavas envolta num lençol branco, antes de te levarmos para seres cremada. Depois reunimo-nos numa igreja para ouvir missa e chorarmos juntos. O teu pai tinha de regressar ao Chile, mas esperou que parasse de chover, e dois dias mais tarde, quando por fim o Sol assomou timidamente, dirigimo-nos, toda a família, em três carros, a um bosque. O teu pai foi à frente, a conduzir-nos. Não conhece esta região, mas percorrera-a nos dias anteriores em busca do sítio mais adequado, daquele que tu terias preferido. Há muitos lugares por onde escolher, aqui a natureza é pródiga, mas por uma daquelas coincidências que já são habituais em tudo o que se refere a ti, minha filha, levou-nos diretamente ao bosque onde eu ia muitas vezes para fazer caminhadas e libertar a raiva e a dor quando estavas doente, o mesmo onde o Willie me levou a fazer um piquenique pouco tempo depois de nos termos conhecido, o mesmo onde tu e o Ernesto costumavam passear de mãos dadas quando vinham visitar-nos à Califórnia. O teu pai entrou no parque, percorreu

parte do caminho, estacionou e fez-nos sinal de que o seguíssemos. Levou-nos ao lugar exato que eu própria teria escolhido, porque estive ali muitas vezes a rezar por ti: um regato rodeado por sequoias altas, cujas copas se unem numa cúpula de catedral verde. Havia uma ligeira névoa, que esfumava os contornos da realidade. A luz mal conseguia passar por entre as árvores, mas as folhas brilhavam, molhadas pelo inverno. Da terra desprendia-se um aroma intenso a húmus e funcho. Detivemo-nos junto de uma pequena lagoa, formada por rochas e troncos caídos. Ernesto, sério, enfraquecido, mas sem lágrimas, porque já as chorara todas, segurava a urna de porcelana com as tuas cinzas. Eu tinha guardado um pouco dessas cinzas numa caixa, também de porcelana, para as manter sempre no meu altar. O teu irmão, Nico, tinha o Alejandro ao colo, e a tua cunhada, Celia, levava a Andrea, que ainda era bebé, tapada com mantas e a mamar-lhe do peito. Eu levava um ramo de rosas, que lancei, uma a uma, à água. Depois cada um de nós, incluindo o Alejandro, tirámos um punhado de cinzas da urna e deixámo-las cair sobre a água. Parte ficou a flutuar brevemente entre as rosas, mas a maioria foi ao fundo, como areia branca.

— Que é isto? — perguntou o Alejandro.

— A tua tia Paula — respondeu-lhe a minha mãe, entre soluços.

— Não parece — observou, confundido.

Começarei a contar-te o que nos aconteceu desde 1993, quando partiste, e vou limitar-me à família, que é o que te interessa. Terei de omitir dois filhos do Willie, o Lindsay, que quase não conheço, só o vi uma dúzia de vezes e nunca passámos da relação essencial de cortesia, e o Scott, porque não quer aparecer nestas páginas. Tinhas um grande carinho por esse ranhoso solitário, com óculos de lentes grossas e cabelo desgrenhado.

Agora é um homem de vinte e oito anos, parecido com o Willie, que se chama Harleigh. Foi ele próprio que se batizou com o nome de Scott, quando tinha cinco anos, mas na adolescência recuperou o original.

A primeira pessoa que me vem à mente e ao coração é a Jennifer, a única filha do Willie, que no início desse ano acabava de fugir pela terceira vez de um hospital, onde tinha ido parar por causa de mais uma infecção, entre as muitas que sofrera na sua curta vida. A polícia não deu sinal de a ter procurado, havia demasiados casos como o dela, e dessa vez os contactos do Willie com a lei não serviram de nada. O médico, um filipino alto e discreto que a salvara a golpes de perseverança quando chegou ao hospital a arder em febre, e que já a conhecia porque já a tinha atendido algumas vezes, explicou ao Willie que teria de encontrar a filha depressa ou ela acabaria por morrer. Com doses tremendas de antibióticos administradas durante várias semanas poderia salvar-se, disse-nos, mas teria de se evitar uma recaída, que seria mortal. Estávamos numa sala de paredes amarelas, com cadeiras de plástico, cartazes de mamografias e exames de sida, cheia de doentes à espera de serem atendidos de urgência. O médico tirou os óculos redondos de aros metálicos, limpou-os com um lenço de papel e respondeu às nossas perguntas com prudência. Não tinha simpatia pelo Willie nem por mim. Confundia-me talvez com a mãe da Jennifer. Aos seus olhos éramos culpados, tínhamo-la descurado, e por fim, tarde de mais, acorriámos, compungidos. Evitou contar-nos pormenores, mas o Willie conseguiu saber que, além de ter os ossos feitos em lascas e atacados de múltiplas infecções, a sua filha tinha o coração a ponto de rebentar. Há nove anos que a Jennifer se empenhava em tourear a morte.

Tínhamos visitado a filha do Willie no hospital nas semanas anteriores, com os pulsos atados para a impedir de arrancar

as sondas no meio dos delírios da febre. Era dependente de quase todas as drogas conhecidas, do tabaco à heroína; não sei como o seu corpo ainda resistia a tanta violência. Como não conseguiram encontrar-lhe nenhuma veia onde pudessem injetar-lhe os medicamentos, optaram por pôr-lhe um cateter no peito. Ao fim de uma semana tiraram-na dos cuidados intensivos e levaram-na para uma enfermaria de três camas, que partilhava com outras doentes, onde deixou de estar amarrada e onde também deixou de ser vigiada como antes. Comecei a ir visitá-la todos os dias e levava-lhe o que me pedia: perfumes, camisas de noite, música, mas não havia nada que não desaparecesse. Suponho que os amigos deviam aparecer fora de horas para a abastecer de drogas, que ela pagava com as minhas prendas, à falta de dinheiro. A administração de metadona, para a ajudar a suportar a abstinência, também fazia parte do tratamento, mas além disso ela injetava no cateter tudo o que os fornecedores lhe levavam às escondidas. Uma ou outra vez coube-me a tarefa de a lavar. Tinha os pés e os tornozelos inchados, o corpo cheio de hematomas, de marcas de agulhas infetadas, de cicatrizes e uma costura de pirata no ombro. «Foi uma facada», explicou-me, laconicamente.

A filha do Willie foi uma rapariga loura, de grandes olhos azuis, como o pai, mas não se salvaram muitas fotografias do passado e já ninguém se lembrava de como fora, a melhor aluna da turma, obediente e lindíssima. Parecia etérea. Conheci-a em 1988, pouco tempo depois de me ter instalado na Califórnia, para viver com o Willie, quando ainda era bela, embora já tivesse um olhar esquivo e aquela névoa enganosa já a envolvesse como um halo escuro. Exaltada pelo meu amor recente pelo Willie, não me surpreendeu que num certo domingo de inverno me tivesse levado a uma prisão, a leste da baía de São Francisco. Aguardámos um bom bocado num pátio inóspito, em fila no

meio de outros visitantes, a maioria negros e latinos, até que se abriram as grades e nos permitiram que entrássemos num edifício lúgubre. Separaram os poucos homens das muitas mulheres e crianças. Não sei qual foi a experiência do Willie, mas no meu caso uma matrona de uniforme confiscou-me a carteira e empurrou-me para trás de uma cortina, onde me meteu as mãos onde até então ninguém se atrevera a fazê-lo, com mais brusquidão que a necessária, talvez porque a minha pronúncia me tornava suspeita. Por sorte, uma camponesa de São Salvador, visitante como eu, advertira-me de que não levantasse dificuldades, porque seria pior. Por fim, eu e o Willie encontramos numa caravana preparada para as visitas das presas, um espaço comprido e estreito, dividido por uma rede de galinheiro, atrás da qual se encontrava a Jennifer. Estava na prisão há um ou dois meses. Tinha um aspeto aseado e estava bem alimentada; em contraste com o aspeto tosco das outras reclusas, parecia uma menina de escola com a roupa de domingo. Recebeu o pai com uma tristeza insuportável. Nos anos seguintes verifiquei que chorava sempre que se encontrava com ele, não sei se por vergonha se por rancor. O Willie apresentou-me brevemente como «uma amiga», embora já vivêssemos juntos há algum tempo, e ficou de pé, à frente da rede de galinheiro, com os braços cruzados e os olhos cravados no chão. Eu observava-os a certa distância, ouvindo pedaços do diálogo entre os murmúrios de outras vozes.

— Que aconteceu desta vez?

— Sabes muito bem o que aconteceu. Para que perguntas?
Tira-me daqui, papá.

— Não posso.

— Não és advogado?

— A última vez avisei-te que não voltava a ajudar-te. Se escolheste esta vida, tens de pagar as consequências.

Ela limpou uma lágrima à manga, mas outras foram escorrendo pelo rosto enquanto pedia notícias dos irmãos e da mãe. Pouco depois despediram-se e ela saiu escoltada pela mesma mulher que me requisitara a carteira. Nessa altura ainda eram visíveis alguns vestígios de inocência, mas seis anos mais tarde, quando escapou aos cuidados do médico filipino no hospital, já nada restava da rapariga que conheci na prisão. Aos vinte e seis anos parecia uma mulher de sessenta.

Quando saímos chovia e eu e o Willie percorremos a correr, ensopados, a distância que nos separava do estacionamento onde tínhamos deixado o carro. Perguntei-lhe porque tratava a filha com tanta frieza, porque não a punha num programa de reabilitação, em vez de a deixar ali, entre as grades.

— Ali está mais segura — replicou.

— Não podes fazer nada? Tem de haver algum tratamento!

— É inútil. Nunca quis aceitar ajuda, e além disso é maior de idade.

— Se fosse minha filha, moveria céus e terra para a salvar.

— Não é tua filha — disse-me, com uma espécie de ressentimento surdo.

Nessa época, um jovem cristão, um desses alcoólicos redimidos pela mensagem de Jesus que põem na religião o fervor com que antes veneravam a garrafa, andava a rondar a Jennifer. Vimo-lo algumas vezes na prisão, nos dias de visita, sempre com a Bíblia na mão e o sorriso beatífico dos eleitos de Deus. Cumprimentava-nos com a compaixão reservada aos que vivem entre as trevas do erro, o que deixava o Willie frenético, mas conseguia em mim o efeito desejado, que era deixar-me envergonhada. Não é preciso muito para que eu me sinta culpada. Às vezes chamava-me de parte para falar comigo e citava-me o Novo Testamento — «Jesus disse aos que iam lapidar a mulher adúltera: ‘Quem de vós estiver sem pecado

atire-lhe a primeira pedra!» —, enquanto eu observava fascinada os seus dentes estragados e tentava proteger-me dos perdigotos. Não faço ideia que idade teria. Quando estava calado parecia muito jovem, por causa do seu aspeto de grilo e da sua pele com acne, mas a impressão desfazia-se mal começava a pregar com voz estridente e gestos afetados. Ao princípio quis atrair a Jennifer para as fileiras dos justos mediante a lógica da sua fé, a que ela era imune. Em seguida optou por levar-lhe prendas modestas, que deram melhor resultado: por meia dúzia de cigarros já ela aguentava um bom bocado de leituras evangélicas. Quando a Jennifer saiu em liberdade, ele estava à espera dela, com uma camisa limpa e encharcado de perfume. Costumava telefonar-nos a horas tardias para nos dar notícias da sua protegida e para incitar o Willie a arrepende-se dos seus pecados e a aceitar o Senhor no seu coração, pois então poderia receber o batismo dos eleitos e reunir-se à filha sob a proteção do amor divino. Não sabia com quem estava a meter-se... O Willie é filho de um pregador extravagante e foi criado numa tenda onde o pai, com uma cobra gorda e mansa enrolada à cintura, impunha aos crentes a sua religião inventada. Assim, qualquer coisa que cheirasse a sermão incitava-o a fugir o mais depressa possível. O evangelista estava obcecado pela Jennifer, cego por ela como uma borboleta por uma lâmpada. Debatia-se entre o fervor místico e a paixão carnal, entre salvar a alma da Madalena e gozar do seu corpo, um tanto deteriorado mas ainda excitante, como nos confessou com tal candura que não tivemos coragem de trocar dele. «Não cairei no delírio da luxúria. Casar-me-ei com ela», assegurou-nos, com o estranho vocabulário que empregava, e em seguida presenteou-nos com uma prédica sobre a castidade no matrimónio que nos deixou pasmados. «Este tipo ou é parvo ou maricas», foi o comentário do Willie, mas

apegou-se à ideia do casamento, porque aquele infeliz com boas intenções podia resgatar a filha. Contudo, quando o galã pediu a Jennifer em casamento, de joelho por terra, ela respondeu-lhe com uma risada. Por fim o pregador acabou por ser morto com uma sova brutal num bar do porto, onde foi uma noite pregar a mensagem de Jesus a marinheiros e estivadores que não estavam com disposição para o cristianismo. Não voltou a acordar-nos à meia-noite com os seus discursos messiânicos.

A Jennifer passou a infância a esconder-se pelos cantos da casa, metida consigo, enquanto o irmão Lindsay, dois anos mais velho, açambarcava toda a atenção dos adultos, que não conseguiam ter mão nele. Era uma menina de bons modos, misteriosa, com um sentido de humor demasiado sofisticado para a idade. Ria-se de si mesma com gargalhadas claras e contagiantes. Ninguém desconfiava que de noite se escapava por uma janela, até que foi presa num dos bairros mais sórdidos de São Francisco, onde a própria polícia receia aventurar-se de noite, a muitos quilómetros de casa. Tinha quinze anos. Os pais estavam divorciados há muito tempo, cada um preocupado com os seus problemas, e possivelmente não avaliaram bem a gravidade do que se passou. O Willie teve dificuldade em reconhecer a jovem mal maquilhada, incapaz de manter-se de pé ou de dizer o que quer que fosse, que tiritava ao fundo de uma cela da esquadra. Horas mais tarde, a salvo na sua cama e com a mente já um pouco mais clara, a Jennifer prometeu ao pai que se emendaria e não voltaria a fazer uma tolice semelhante. Ele acreditou nela. Todos os jovens têm percalços deste tipo; ele próprio tivera problemas com a lei em miúdo. A coisa acontecera em Los Angeles, quando tinha treze anos, e os seus crimes eram roubar gelados e fumar marijuana com os miúdos mexicanos do seu bairro. Aos catorze apercebeu-se de que, se não

se endireitasse por si mesmo, nunca mudaria, porque não havia ninguém que pudesse ajudá-lo. Foi então que decidiu afastar-se dos bandos e concluir a escola, trabalhar para pagar a faculdade e ser advogado.

Depois de ter fugido do hospital e dos cuidados do médico filipino, a Jennifer sobreviveu, porque era muito forte, apesar da sua aparente fragilidade, e durante uns tempos não soubemos dela. Um dia de inverno ouvimos o vago rumor de que estava grávida, mas pusemos de parte a ideia, porque isso nos pareceu impossível. Fora ela mesma que nos dissera que não podia ter filhos, por ter abusado de mais do seu corpo. Três meses mais tarde apareceu no escritório do Willie para lhe pedir dinheiro. Foi uma das poucas vezes que o fez: preferia desenvencilhar-se sozinha, pois assim não tinha de dar explicações a ninguém. Os seus olhos moviam-se desesperados, em busca de alguma coisa que não encontrava, e as mãos tremiam-lhe, mas a sua voz era firme:

— Estou grávida — anunciou ao pai.

— Não pode ser! — exclamou o Willie.

— Isso era o que eu pensava, mas olha... — Abriu a camisa de homem com que se cobria até aos joelhos e mostrou-lhe a protuberância do tamanho de uma toranja. — É uma menina e vai nascer no verão. Vou chamar-lhe Sabrina. Sempre gostei desse nome.